

O NECESSÁRIO RESGATE HISTORIOGRÁFICO DE MARIANA ALCOFORADO, A PRIMEIRA ROMANCISTA LUSÓFONA DO MUNDO

THE NECESSARY HISTORIOGRAPHIC RESCUE OF MARIANA ALCOFORADO, THE FIRST LUSOPHONE NOVELIST IN THE WORLD

Larissa Maria Sousa Marques¹

Iolanda Raquel Sales Dutra Batista²

Cristiane Lima da Silva³

Resumo: Este artigo é o resultado de um levantamento bibliográfico advindo de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório, que apresenta a vida e o *Magnum Opus* atribuído a Sóror Mariana Alcoforado à luz da teoria sobre *epistemicídio*, do sociólogo Boaventura de Souza Santos (2016) e dos Críticos Literários René Wellek e Austin Warren (1976), abordando o papel social da mulher dentro do cânone literário português, a importância da escrita feminina e seu resgate historiográfico. Concluímos que à época de nossa escritora, no século XVII, a mulher era vista como um ser extremamente inferiorizado em sua escrita, apresentando dificuldade quanto ao reconhecimento de suas produções literárias e, por mais que tenhamos tido diversos avanços nesse sentido, ainda há resistência para se reconhecer a escrita feminina e seu papel social, assim como a atribuição da autoria d'As Cartas Portuguesas a Mariana Alcoforado, tida como a primeira escritora em Língua Portuguesa. Pioneira, seu legado foi ostracizado, mas vem sendo trazido à luz por intermédio de trabalhos como este e tantos outros que a vêm retirando do limbo ao qual foi jogada.

Palavras-chave: Literatura de Autoria Feminina. Epistemicídio. Mariana Alcoforado. *Cartas de Amor*.

Abstract: This article is the result of a bibliographic survey stemming from a basic research with a qualitative approach and an exploratory objective, presenting the life and *Magnum Opus* attributed to Sor Mariana Alcoforado in light of the theory of epistemicide, proposed by the sociologist Boaventura de Souza Santos (2016) and the literary critics René Wellek and Austin Warren (1976). It addresses the social role of women within the Portuguese literary canon, the importance of female writing, and its historiographical recovery. We conclude that in the time of our writer, in the 17th century, women were seen as extremely inferior beings in their writing, presenting difficulties in the recognition of their literary productions. Although we have made several advances in this regard, there is still resistance to recognize female writing and its social role, as well as the attribution of the authorship of *As Cartas Portuguesas* to Mariana Alcoforado, considered the first female writer in the Portuguese language. As a pioneer, her legacy was ostracized, but it has been brought to light through researches like this and many others that have been taking her out of the limbo to which she was thrown.

Keywords: Female Writing. Epistemicide. Mariana Alcoforado. *Cartas de Amor*.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

¹ Graduação em Letras - Inglês pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). E-mail: marquesa2@gmail.com.

² Graduação em Letras - Inglês Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: teacheriolandar@gmail.com.

³ Doutora em Estudos Lusófonos pela Universidade Sorbonne Nouvelle Paris3. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Ceará. E-mail: cris_francesa28@hotmail.fr.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante das lutas por igualdade de gênero, é vital discutirmos as instâncias em que as mulheres tiveram méritos e esses lhes foram revogados. A beleza e a eloquência d'*As Cartas Portuguesas*, publicadas em francês, em 1669, ainda que supostamente seja o primeiro livro escrito por uma autora lusófona, Mariana Alcoforado, encantaram e escandalizaram a sociedade europeia com uma história de amor malfadada envolvendo uma freira e um nobre.

O cânone literário português considerou esse romance epistolar brilhante demais para ter sido concebido pela mente e pela pena de uma mulher. Assim pensando, atribuíram-lhe a autoria a algum escritor (diga-se, “do sexo masculino”), reforçando a tradição de apagamento feminino, impulsionada pelo patriarcado misógino, de modo que a autoria de Mariana Alcoforado, nessa obra específica, é disputada até os dias atuais.

Assumindo que esse pioneirismo seja dela, analisaremos, nesta pesquisa, o seu apagamento histórico, o memoricídio que se cometeu contra sua escrita e o seu urgente resgate historiográfico. Para isso, valer-nos-emos de pesquisadoras consagradas da área como a Profa. Dra. Constância Lima Duarte — um dos bastiões nacionais quando o assunto é o resgate historiográfico de nossas grandes beletristas ostracizadas por seus pares masculinos.

Sendo assim, nas próximas seções, apresentaremos Mariana Alcoforado — sua pessoa e sua história de vida — em conexão direta com a relevância de seus escritos epistolares apresentados em seguida, além da importância d'*As Cartas Portuguesas*, que inspiraram vários romancistas de então e das gerações seguintes. Por último, exporemos o epistemicídio canônico praticado contra a sua escrita.

Antes de adentrarmos nestas questões, ato contínuo, exporemos o percurso metodológico traçado para este estudo.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho é a concretização de um levantamento bibliográfico advindo de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório que se valeu de palavras-chave específicas, a partir das quais geramos buscas em repositórios universitários e bases de dados acadêmicas que nos proveram algumas pesquisas robustas — como as de Constância Lima Duarte (2022), citada acima, dentre outras —, que nos serviram de base para ancorar as considerações que aqui tecemos a seis mãos.

2 MARCO TEÓRICO

A beletrista em tela neste artigo é uma das vítimas mais emblemáticas do epistemicídio ligado ao elemento feminino e que se volta contra aquelas que se dedicam à arte das palavras. Para que tenhamos a exata medida de quão grande foi Mariana Alcoforado, nesta seção, dedicar-nos-emos a traçar a sua biografia e o seu legado em breves linhas.

2.1 Sóror Mariana Alcoforado: pioneira, mas silenciada e olvidada

IMAGEM 1 — Carta de Amor, de Sóror Mariana Alcoforado



Fonte: <https://chaves.space/2019/02/22/as-cartas-de-amor-de-soror-mariana-alcoforado-1640-1723/>.
 Acesso em: 24 nov. 2025.

Tal como conta na introdução da edição de *Cartas de Amor de uma Freira Portuguesa*, (Cf. Imagem 1) disponível em domínio público, Mariana Mendes da Costa Alcoforado, conhecida como Sóror Mariana Alcoforado, nasceu em Beja, Portugal, no ano de 1640. Como era o costume da época, foi entregue ao convento por seu pai ainda menina, aos 11 anos de

idade, onde viu-se forçada a uma vida de enclausuramento religioso mau grado seu, com o fito de deixá-la a salvo da Guerra da Restauração (1640-1668) e para honrar com a promessa materna que lhe fora testamentada antes do seu nascimento: tornar essa sua filha uma freira.

Em sua segunda década de vida, Mariana conheceu um nobre francês que marcaria o seu destino: o marquês Noel Bouton de Chamilly, um jovem oficial que fazia parte do regimento militar enviado pela França à Corte Portuguesa. De um romance ardente, mas proibido entre ambos, nasceram *As Cartas Portuguesas* (ou *Cartas de Amor de uma Freira Portuguesa*, a depender da edição), tido como o primeiro romance escrito em Língua Portuguesa. Foi concebido em forma epistolar, como um compilado de cinco cartas enviadas por ela ao seu amante, que se evadiu de Portugal depois que as notícias de seu escandaloso caso se espalham no seio da nobreza portuguesa.

O marquês de Chamilly partiu com a promessa de que voltaria em breve para desposá-la, mas não cumpriu com sua palavra e deixou-a desiludida, escrevendo suas lamúrias em forma de *Cartas de Amor*, as quais nunca obteriam respostas concretas (que se saiba), além de textos que se configuraram como capítulos apócrifos dessa história de amor, sendo o mais conhecido deles *As Respostas*, assinado por Chamilly, mas com a autenticidade de autoria nunca tendo sido verificada *a posteriori*.

Entristecida pela desfeita e sem perspectiva alguma de viver ao lado de Chamilly, Mariana voltou-se para sua vida claustral, alcançando a posição de abadessa do convento onde fora enclausurada — título esse de alto valor em termos hierárquicos para a Igreja — e falecendo aos 83 anos de idade, após uma vida de renúncias e de frustrações, espelhando a de tantas outras conterrâneas e contemporâneas suas.

2.2 *As Cartas Portuguesas* e sua relevância canônica

As cinco cartas foram originalmente publicadas em francês sob o título *Lettres Portugaises*, em Paris, por Claude Barbin, alcançando sucesso imediato devido ao escândalo de suas circunstâncias. Esses relatos pioneiros inspiraram autores românticos como Saint-Simon e La Bruyère, mas foram taxados como bonitos em demasia para haverem sido concebidos pela mente e pela pena de uma mulher, reduzindo a existência de Mariana Alcoforado ao imaginário de uma sociedade patriarcal e a uma figura quase mitológica que habitou o cânone europeu como *persona non grata* durante bastante tempo.

A bem da verdade, quem realmente sabe quem foi essa mulher ineditista, corajosa e cuja opção crucial — tomada em certo momento de sua trajetória — abriu um horizonte de possibilidades para as suas iguais, mas a trancou em uma existência insípida, vivida sem amor, reclusa e silenciada à revelia? O que a historiografia registra do seu grande feito — o de ser a primeira romancista lusófona? Por que a sua biografia e o seu legado são tão subestimados?

O mesmo silenciamento ocorreu com outra nobre nascida não muito antes dela, na Inglaterra, a Rainha Catherine Parr, que esteve casada com o Rei Henrique VIII de 1543 a 1548, e publicou o seu *Precationes Privatae* em 1563, logo após recuperar-se de uma varíola que quase levou-lhe a vida. Logo em seguida, em 1569, surgiu um volume de *Prayers and Meditations in English, French, Italian, Spanish, Greeke and Latin* na Inglaterra, sem o nome da autora, que lhe foi concedido a Catherine Parr pela primeira vez somente séculos mais tarde.

O escrito é conhecido como o primeiro livro de autoria feminina em Língua Inglesa. Além disso, foi o primeiro escrito por uma rainha sem o subterfúgio de pseudônimos. Publicações escritas por mulheres naquele período eram institucionalmente controladas pela Igreja e precisavam ser de cunho estritamente religioso. Mesmo a recém-estabelecida Igreja Anglicana não pouparia a sua rainha protestante dessa obrigatoriedade. Clement (2008) discute a maneira como o livro impactou na imagem conhecida da rainha por justaposição de suas orações compostas e traduzidas em vários idiomas, tendo um alcance internacional.

Os primórdios da escrita feminina, que foi canonizada pela sociedade europeia moderna, costumam vincular-se diretamente à experiência religiosa de muitas de nossas antecessoras, como discutido no artigo *Mística Feminina — Escrita e Transgressão*, de Maria Simone Marinho Nogueira (2015), à luz de Sapho de Lesbos, das autoras Beguinhas, de Sóror Juana Inés de La Cruz e da possivelmente mais conhecida delas: Teresa D'Ávila (ou Santa Teresa de Jesus). Estas e outras, que também foram escritoras, como a Condessa de La Fayette e Madeleine de Scudéry, eram todas pertencentes à nobreza — tal como o foi a nossa *femenageada* neste artigo: Mariana Alcoforado.

Quando falamos de Literatura, apontamos aqui a definição de René Wellek e Austin Warren (1976, p. 113), em seu livro *Teoria da Literatura*, que diz que

[...] a literatura *representa a vida*: e a vida é, em larga medida, uma realidade social, não obstante o mundo da Natureza e o mundo interior ou subjectivo do indivíduo terem sido, também, objecto de *imitação literária*. O próprio poeta é um membro da sociedade, possui uma condição social específica: recebe um certo grau de consideração social e de recompensa.

Até que ponto as mulheres são contempladas com essa definição? Até que ponto as mulheres da época de Mariana Alcoforado o foram? Até que ponto, agora, na Pós-modernidade, o são? Enquanto sujeitos que formam a maior parte das sociedades em termos quantitativos, espera-se que, no mínimo, as mulheres conquistem o devido reconhecimento e a merecida recompensa por seus escritos, por seus legados — como as autoras supracitadas, que somente ganharam espaço literário depois de movimentos de revisão histórica motivados pelo movimento feminista.

Apresentadas a autora e sua obra, seguidamente, trataremos de aprofundar o debate em torno dessa sua produção revolucionária que até hoje, passados quase 500 anos, ainda incomoda a ponto de Mariana Alcoforado seguir sendo desconhecida para a grande maioria de nós, falantes da língua na qual ela publicou, como mulher, como escritora, o primeiro romance.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A escrita feminina e o epistemicídio canônico e institucionalizado na sociedade europeia

Neste artigo, adotamos a definição de **epistemicídio** de Boaventura de Sousa Santos (2010) *apud* Grosfoguel (2016), que o assume como sendo a destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos. Por mais que esse termo tenha sido cunhado por um sociólogo português contemporâneo e que tem constantemente trabalhado em estudos decoloniais, podemos enquadrar o processo de apagamento seletivo de Sóror Mariana Alcoforado como um processo epistemicida e institucionalizado.

Inquestionavelmente uma vítima do sexismo falocêntrico, a identidade de Alcoforado é constantemente revisada e estudada, tanto por apoiadores(as) quanto por críticos(as). A título de ilustração, temos os trabalhos de Análise do Discurso, que buscam encontrar “traços femininos” (ou “masculinos”, se pudermos pontuar) que comprovem a autoria das *Cartas*. Em trabalhos bibliográficos, quando nos séculos subsequentes à sua publicação, vários(as) historiadores(as) se debruçaram sobre documentos que pudesse comprovar a identidade das personagens vistas; em análises semânticas, quando inúmeras estudos(as) têm tentado provar a escrita de uma pessoa portuguesa a partir de escolhas lexicais feitas no texto original em francês, visto que uma das hipóteses que surgiram à época seria a de que *As Cartas* teriam

sido escritas pelo diplomata francês Gabriel de Guilleragues, como discutido por Mendes [s. d.] em seu artigo *Katherine Vaz e a re-inserção de Mariana Alcoforado na história literária*.

Enquanto tais disputas autorais podem ser comuns na Literatura (a exemplo do emblemático caso de Shakespeare), constatamos que acontecem ainda mais enfaticamente quando se trata da literatura de autoria feminina. Por mais que tenhamos célebres escritoras, há quem duvide da autoria de seus livros, sempre que convém celebrar o conhecimento e a capacidade intelectual masculina como superior à produção literária e acadêmica das mulheres.

É constante o descrédito para com autoras renomadas, que questiona se mulheres com pouco acesso à educação formal foram capazes de escrever suas grandes obras. Debruçam-se diante de manuscritos, referem-se às edições de um outro homem como o verdadeiro criador, que elas foram apenas máscaras de homens que são, de fato, os autores por trás de suas obras, perpetuando uma tradição que rejeita nomes femininos, ou que quando os aceita, os diminui a gêneros considerados menos literários ou eruditos.

Tais estratégias acachapantes de silenciamento e de apagamento do elemento feminino pelo masculino são comuns e atuam como uma forma de calar e reafirmar um papel inferior às mulheres dentro da sociedade, como pontua Simone de Beauvoir em seu *Magnum Opus — O Segundo Sexo* (2011). Tais questionamentos sobre a escrita feminina ocorrem, especialmente, na primeira parte de seu livro, ao retomar a memória de escritoras que, deliberadamente, foram “esquecidas” pelo cânone literário europeu, tendo, de igual maneira, a relevância de seus trabalhos diminuída.

Nesta perspectiva, ratificamos o epistemicídio que sofreu Sóror Mariana Alcoforado como autora e como pessoa, reduzida que foi a um atributo fictício para a perpetuação de uma suposta superioridade percebida na escrita de um homem jamais categoricamente nomeado pelos que têm levantado essa tese. Seu conhecimento e subjetividade nunca haviam sido reconhecidos *a priori*, já que, consoante o que trouxemos anteriormente, a sociedade de sua época não acreditava que uma mulher no exercício religioso poderia ser capaz de escrever tais cartas considerada demasiadamente belas e com estofamento erotizado — conteúdo esse tido então como impossível de ser contemplado por uma mulher e, menos ainda, por uma religiosa.

Retomando a visão que apresentamos na breve biografia que traçamos sobre o nosso objeto de estudo nesta pesquisa, Mariana Alcoforado, podemos afirmar que ela teve a sua existência bastante amordaçada, a sua potência ostracizada e o seu legado apagado por seus conterrâneos e contemporâneos em dois momentos marcadamente patentes: ao ser dada para o convento quando ainda era uma criança, à revelia, e sem se ter em consideração a sua vontade,

e, também, quando lhe foi negado o reconhecimento de sua angústia e subjetividade, trazida em sua fervorosa escrita — que não se lhe atribui (repetimos: por ser demasiadamente bela, o que, para seus pares masculinos, era inconcebível de haver sido engendrada por uma mulher).

Podemos destacar a importância do reconhecimento da escrita feminina enquanto parte da função social da Literatura: levantar o debate pertinente de questões sociais relevantes, concorrentes, no nosso caso, aos estudos de gênero. Se pudermos retomar brevemente o pensamento de Wellek e Warren (1976, p. 113), endossando o que supramencionamos, temos: “[...] uma grande maioria das questões suscitadas pelo estudo da literatura são, pelo menos em última análise ou implicitamente, questões sociais: relativas à tradição e à convenção, às normas e aos gêneros, a símbolos [...]”.

Um dos exemplos mais célebres do poder de influência desse resgate historiográfico de Sóror Alcoforado é o livro *Novas Cartas Portuguesas*, publicado em 1972, no qual as autoras (conhecidas como As Três Marias — coletivo de escritoras composto por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) fazem uma clara alusão à obra de Alcoforado, livro esse que é considerado um marco na Literatura Portuguesa pós-moderna e um importantíssimo manifesto do feminismo. À época, considerada de teor pornográfico pelo governo de Marcelo Caetano, a primeira edição sofreu censura, sendo recolhida e destruída. Além disso, abriu-se um processo judicial devido ao conteúdo atentatório à moral pública. O caso ganhou o mundo, tornando assim, as autoras famosas e defendidas por nomes de peso como Simone de Beauvoir, Marguerite Duras, Doris Lessing, Iris Murdoch, entre outras.

Em *Novas Cartas Portuguesas*, a freira de Beja é a figura central e é a partir dela que as três autoras se questionam: “Irmãs, que Anas ou Marianas terão ainda de ser ressuscitadas ou quando vivas postas à prova, idiotizadas, fracas, frágeis por lei, conivência, crença e religião?” (p. 248). Neste palimpsesto que pode ser considerado, metaforicamente, um caleidoscópio, a história de Mariana Alcoforado e suas cartas são subvertidas, já que as três autoras criticam o estereótipo da mulher abandonada e do amor tão idealizado pela freira, como vemos no fragmento:

Deixemos as freiras, que não são caso único. Que mulher não é freira, oferecida, abnegada, sem vida, afastada do mundo? Qual a mudança, na vida das mulheres, ao longo dos séculos? No tempo de tia Mariana as mulheres bordavam ou teciam ou fiavam ou cozinhavam, sujeitavam-se aos direitos de seus maridos, engravidavam, [...]. O que mudou na vida das mulheres? (Barreno; Horta; Costa, 2010, p. 140.)

Na construção de uma escrita-cúmplice, as autoras optam por um estilo ousado que revela a condição da mulher marcada por diversos tipos de opressão; a história de Mariana Alcoforado serve sempre de ponto de partida ao discurso entrecruzado da obra. Deste modo, temos, além das cartas da freira de Beja, cartas fictícias de Marianas contemporâneas enviadas às tias, aos maridos, aos namorados, além de Marianas representadas por Maria, Ana, Mônica, Fátima e Isabel. A figura da freira está igualmente em evidência em poemas, bilhetes e odes à solidão e ao prazer.

O estilo subversivo em *Novas Cartas Portuguesas* está presente desde o título do livro, que apesar de conter algumas cartas, transita por vários gêneros textuais que mobilizam diferentes aspectos da oralidade, do discurso lírico e da intertextualidade com obras anteriores das três autoras, assim como, de forma irônica, na transcrição do Código Penal Português e em trechos da escritora francesa Albertine Sarrazin. Em todos esses casos, a intertextualidade é uma arma usada para o deboche e para a crítica social da condição da mulher.

No entanto, o que talvez mais escandalizou nas *Novas Cartas Portuguesas* foi a coragem das autoras de adentrarem em um domínio historicamente reservado a homens, como a literatura erótica descrevendo cenas de masturbação e orgasmo, que de acordo com a professora Maria Graciete Besse, apontam para o fato de que as autoras “[...] propõem uma visão do feminino e perturbam os códigos de moralidade vigentes nos anos 70, ao mesmo tempo que inscrevem em ousadia uma palavra que afirma a presença de uma mulher-sujeito”. Essa característica torna-se evidente nos textos *O pai* e *O corpo*.

Ao fazer alusão à freira, além de a obra atestar o reconhecimento e a importância d’*As Cartas* à literatura lusófona, também advoga sobre outros temas importantes e que são considerados polêmicos dentro da escrita de Mariana Alcoforado, quais sejam: a liberdade de escolhas femininas e a liberdade de seus corpos. *Novas Cartas Portuguesas* foram publicadas e reeditadas em diversos países, sendo alvo de estudos acerca de sua relevância literária, como no livro *Novas Cartas Portuguesas: entre Portugal e o Mundo*, organizado por Ana Luísa Amaral e Marinela Freitas [s. d.]. Ademais, a obra das Três Marias, por seu teor revolucionário, é considerada um libelo contra a sociedade que discrimina, escraviza, julga e marginaliza; por isso fala da relação entre dominadores e dominados.

Em *Novas Cartas Portuguesas*, a escolha de Mariana Alcoforado está diretamente relacionada à clausura que vai além do “estar presa em um ambiente fechado”, referindo-se à clausura de sentimentos e desejos aprisionados, sufocados; à clausura da repressão das autonomias não consentidas e, muitas vezes, negadas pelo patriarcado. Daí as três autoras

optarem pela polifonia ao serviço de dois mundos: masculino-feminino; homem-mulher, revisitando os grandes mitos da tradição misógina e dos tabus — como o incesto, o adultério e o aborto. Lembrando de que, além de tudo que foi dito, nenhum texto é assinado, dificultando, assim, determinar de certo quem os escreveu. Essa astúcia configura, notadamente, outra forma de subversão e de provocação social.

Por mais que a mulher, enquanto categoria, fosse colocada em um papel de criação e (sub)existência formado a partir da figura do homem — não somente no tempo de nossa beletrista, mas, infelizmente, até muito recentemente —, revisar essas figuras históricas contraditórias a fim de aprimorar nossa crítica à sociedade *per se* é crucial e urgente, posto que tornam-se figuras essenciais na construção do Ocidente, e quando as reinserimos em um contexto de protagonismo, tornamo-las capazes de influenciar as gerações atuais e as que estão por vir e suas lutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho, afirmamos que ao subordinarmos a figura de Sóror Mariana Alcoforado a essa visão de uma simples figura do imaginário europeu, negamos não apenas a sua existência e potencialidade enquanto indivíduo, mas também a de gerações de mulheres que viveram na sua época e depois dela que, talvez inspiradas em seus escritos catárticos, puderam ter sido incentivadas a explorar uma literatura escrita de forma mais visceral.

Esperamos que essa nossa contribuição acadêmica possa, modestamente, ser de ajuda na luta pelo reconhecimento de autoras relevantes como ela o foi: **a primeira romancista em Língua Portuguesa**. Que o resgate de sua memória, como colunas basilares às lutas que nos esperam na esquina da História, seja efetivado à altura do que ela — **Mariana Mendes da Costa Alcoforado** — merece por haver sido quem foi, quando o foi, onde o foi e porquê.

Que mais estudos como esse — que ora damos por findo, mas em absoluto esgotando o tema —, e todos os outros que estão sendo efetivados paralelamente, sobre escritoras magistrais que os cânones literários relegam ao limbo por serem elas grandes demais, possam vir a lume e fazer-lhes justiça aos seus nomes e legados!

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, M. **Cartas de Amor de uma Freira Portuguesa**. [s.l: s.n.]. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/documentos/profs/romulo/Cartas-de-Amor-de-uma-Freira-Portuguesa.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.
- AMARAL, A. O.; FREITAS, L. M. **Novas Cartas Portuguesas**: entre Portugal e o Mundo. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789722056298.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.
- BARRENO, M. I.; HORTA, M. T.; COSTA, M. V. **Novas Cartas Portuguesas**. 3. ed. anotada. Alfragide: Dom Quixote, 2010.
- BEAUVOIR, S. **The Second Sex**. Tradução: Constance Borde; Tradução: Sheila Malovany Chevallier. First Edition. New York: Vintage Books, 2011.
- BESSE, M. G. As “Novas Cartas Portuguesas” e a contestação do poder patriarcal. **Revista Latitudes**, n. 26, p. 16-20, abr. 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/237272886/As-Novas-Cartas-Portuguesas-e-a-Contestacao-Do-Poder-Patriarcal-Maria-Graciete-Besse>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- CHAVES, E. As Cartas de Amor de Sóror Mariana Alcoforado (1640-1723). Chaves Space — Gateway to My Blogs. 22 set. 2019. Disponível em: <https://chaves.space/2019/02/22/as-cartas-de-amor-de-soror-mariana-alcoforado-1640-1723/>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- CLEMENT, J. **The Queen's Voice** (2008). Disponível em: <https://extra.shu.ac.uk/emls/13-3/clemquee.htm>. Acesso em: 15 set. 2025.
- DUARTE, C. L. **Memorial do memoricídio** — Escritoras brasileiras esquecidas pela história. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.
- GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25–49, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.
- HISTÓRIA HOJE: Religiosa Mariana Alcoforado nasceu há 376 anos. **Rádio Agência**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2016-04/historia-hoje-religiosa-mariana-alcoforado-nasceu-ha-376>. Acesso em: 15 set. 2025.
- MENDES, A. P. C. **Katherine Vaz e a re-inscrição de Mariana Alcoforado na história literária**. [s. l.; s. n.]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8948/2/4244.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

NOGUEIRA, M. S. M. Mística feminina – escrita e transgressão. **Revista Graphos**, v. 17, n. 2, p. 91-102, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/906338091/MISTICA-FEMININA-ESCRITA-E-TRANSGRESSAO>. Acesso em: 29 set. 2025.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. Tradução: José Palla E. Carmo. 4. ed. Portugal: Biblioteca Universitária, 1976.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MARQUES, Larissa Maria Sousa; BATISTA, Iolanda Raquel Sales Dutra; SILVA, Cristiane Lima da. O necessário resgate historiográfico de Mariana Alcoforado, a primeira romancista lusófona do mundo. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 3, p. 31-42, set./dez. 2025.

Submetido em: 05/12/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 29/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos